



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



ARQUIVOS AO SABOR DO TEMPO: PERCURSOS DE LIVROS QUE HABITARAM ALGUMA ESTANTE

Márcia Regina dos Santos ¹

Resumo: As transformações socioculturais vivenciadas a partir de meados do século XX impactaram, entre outras coisas, as formas de arquivamento de objetos/documentos institucionais e pessoais. A celeridade do tempo e a supressão de espaço físico desencadearam novas formas de guardar, novos critérios para selecionar e a qualificação de sensibilidades suscitadas pelo desejo de arquivar-se, como uma forma de deixar marcas de uma existência. Ainda que a afetividade seja considerada uma baliza determinante na ação arquivar dimensões da existência de um indivíduo, atendê-la de forma efetiva se torna impossível diante dos dilemas espaciais. Os livros, objetos permeados por representações e sensibilidades, têm o potencial de “contar” histórias sobre seus proprietários e sobre as práticas do tempo e o espaço em que existiram e circularam. A partir de três publicações do autor Marcelino de Carvalho, concentradas na década de 1960, e suas peculiaridades, esse estudo buscou iluminar o percurso de livros que um dia figuraram em arquivos pessoais e suas interfaces com o determinados períodos e acontecimentos. Os diversos usos e destinos, evidenciados a partir da materialidade, sugerem diferentes formas de (des) arquivamento de documentos, conferindo transitoriedade ao caráter pessoal desse tipo de objeto. As diversas condições assumidas pelo objeto em seu percurso permitiram ampliar o olhar sobre a dinâmica de constituição de arquivos pessoais no tempo presente e uma reflexão sobre o lugar ocupado pelos objetos – nesse caso, livros – nessa constituição.

Palavras-chave: arquivos, memória, tempo presente.

INTRODUÇÃO

Os registros materiais de uma existência humana, em muitos casos, compõem arquivos que dão a ver inúmeras maneiras de guardar-se para a posteridade. No intuito de burlar o inevitável esquecimento, pessoas desenvolvem os mais criativos métodos de administrarem os seus registros e deixarem uma história contada sobre si mesmos. As escolhas realizadas de “o que”, “como” e “onde” guardar, são importantes aspectos da

¹ Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Coordenadora de Núcleo de Educação de Jovens e Adultos na Prefeitura Municipal de Florianópolis. E-mail marciasantos.hst@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO 2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



narrativa construída a partir de experiências individuais ou coletivas. Sendo assim, qualquer vestígio material pode ser considerado subsídio na compreensão de representações e práticas alocadas em algum tempo e/ou espaço. Os objetos salvaguardados por homens e mulheres muito tem a contar sobre suas existências e seus entendimentos. O arquivamento de tais experiências é um espaço fértil no qual a História pode ser produzida por meio das mais diversas problematizações. Uma vez arquivado um objeto, se multiplicam as possibilidades e os olhares, pois, quem guardou teve seus intuitos, quem encontrou atribuiu sentidos, e quem produziu uma narrativa pautou-se pelo rigor científico, lugar no qual as afirmações são balizadas pelo documento e as elucubrações respeitam o limite dos entendimentos possíveis.

As transformações socioculturais vivenciadas a partir de meados do século XX impactaram, entre outras coisas, as formas de arquivamento de objetos/documentos institucionais e pessoais. Os critérios utilizados para salvaguardar os próprios rastros receberam novos contornos, uma vez que, a compreensão sobre esta forma de existir tornou-se mais importante na sociedade midiática do século XXI. A depender do que é arquivado, o indivíduo pode ser lembrado desta ou aquela maneira, e o receio dos julgamentos se tornou tão importante quanto o do esquecimento. A celeridade do tempo e a supressão de espaço físico desencadearam novas formas de guardar, novos critérios para selecionar e a qualificação de sensibilidades suscitadas pelo desejo de arquivar-se, como uma forma de deixar marcas de uma existência, transformando protagonistas em narradores da própria trajetória. Ainda assim, alguns objetos burlam essa programação e permanecem guardados por motivos aleatórios, simplesmente por que lembram um momento, por que foram recebidos de presente ou tiveram alguma mensagem rascunhada... Assim são os livros, objetos selecionados para elaborar este estudo.

A partir das obras *Guia de Boas Maneiras* (1961), *Snobérrimo* (1966) e *Só para homens* (1967), todos do autor brasileiro Marcelino de Carvalho², este estudo buscou iluminar o percurso de livros que um dia figuraram em arquivos pessoais diversos, tomando como ponto de ajuste para o foco os manuscritos contidos em suas páginas iniciais. A problematização foi elaborada como forma de pensar os arquivos os quais esses livros foram

² Nascido em São Paulo, foi jornalista, cronista e escritor, produzindo seus escritos a partir de suas vivências em meio a elite paulistana. Teve várias publicações que tratavam sobre maneiras em sociedade, entre os anos 1950 e 1960. Os três exemplares utilizados como fontes fazem parte do repertório produzido pelo autor, circunscrito pelo tema etiquetas e boas maneiras.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO 2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



constitutivos, a diversidade dos critérios de escolha para o arquivamento e as diversas dimensões assumidas por um mesmo objeto em sua historicidade. As três publicações foram adquiridas em sebos virtuais e hoje são parte do arquivo da autora, o qual foi constituído para realização de uma pesquisa de doutoramento.

HABITANTES DE ALGUMA ESTANTE

A organização de arquivos pessoais e institucionais é portadora de inúmeras funções. O ato de guardar se inscreve em múltiplas temporalidades no sentido de que atende diretamente uma demanda do presente e, ao mesmo tempo, vislumbra o “efeito” que esse ato surtirá sobre o futuro. Os objetos são guardados para serem encontrados e revisitados, a questão é os limites que se impõem sobre a comunicação das memórias elaboradas sobre tais objetos. Ainda que o presente determine que a informação é suficiente e explícita, não se pode ignorar que o tempo age sobre todo fazer, sendo assim, as leituras posteriores avançam para territórios férteis e múltiplos, e os olhares forjados por outras sensibilidades são capazes de identificar peculiaridades nunca antes observadas.

O desejo de apreender momentos vividos seleciona toda sorte de materiais que se tornam comprovações de eventos sobre os quais dificilmente será possível inferir significados tais quais os que tiveram no momento em que aconteceram. Segundo Paul Ricoeur (2007), “um lugar físico que abriga o destino dessa espécie de rastro que cuidadosamente distinguimos do rastro cerebral e do rastro afetivo, a saber, o rastro documental”. O arquivamento se constituiu em uma maneira de materializar a vivência de forma que possa ser revisitada em outros momentos da vida. Estabelece-se aí uma relação estreita entre memória e materialidade, uma se constrói na outra. Da mesma forma que objetos são arquivados para “preservar” uma memória, se tornam produtores de memórias em outros períodos em que são recrutados por qualquer motivo.

Os livros que se encontram guardados em arquivos são parte dessa preservação de memória. Os três títulos do autor Marcelino de Carvalho, selecionados para este estudo, tiveram percursos de arquivamento diversos, entretanto, são portadores de particularidades que permitem pensar um entrelaçamento entre arquivo, memória e testemunho. Sobre a relação, Ricoeur pondera que “se os escritos constituem a porção principal dos depósitos de



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



arquivos, e se entre os escritos os testemunhos das pessoas do passado constituem o primeiro núcleo, todos os tipos de rastros possuem a vocação de ser arquivados” (RICOEUR, 2007, p. 178). Sendo assim, os próprios objetos arquivados – nesse caso, os três livros – podem conter indícios da história do seu arquivamento quando se desloca o olhar para a dimensão testemunhal dos arquivos. Pensando em consonância com Ricoeur, essa dimensão, como um “primeiro núcleo” da salvaguarda de algum material, concentra em si o potencial de aproximar-se, ainda mais, de um passado e suas narrativas.

Os manuscritos contidos nestes livros de Marcelino de Carvalho foram os aspectos escolhidos para entrever a relação entre arquivo, memória e testemunho. Segundo Gérard Genette (2001, p. 117), uma dedicatória “constitui a única parte autografada [manuscrita] e de algum modo singular de um livro impresso. Daí seu valor”. Ao receber dedicatórias e marginálias, os livros se tornam objetos únicos e admitem uma história própria singular dentre todos os outros exemplares de sua mesma edição. Pelo olhar da História emergem desse rastro inúmeras possibilidades de dialogar com a fonte. As marcas humanas conferem vivência a um objeto protocolar, produzido em série. São essas minúcias que diminuem a distância temporal e tem potencial de alinhar com maior precisão essa relação entre um historiador e sua fonte.

As páginas iniciais das três publicações em análise são portadoras dessas minúcias. O *Guia de Boas Maneiras*, em suas primeiras páginas, apresentou a seguinte dedicatória: “Para Nefa aumentar a já sua riquíssima ‘Hora do lar’. Rio, 13.11.61” (CARVALHO, 1961, folha de rosto). O doador do livro sinaliza o gosto do receptor pelo assunto ao se referir ao presente como um complemento de outro material nomeado de “Hora do Lar”³, o qual também trata de maneiras sociais. Presentear com esse tipo de literatura sugere identificações quanto às posturas, hábitos que se tinha ou, se desejava ter. As boas maneiras eram compartilhadas como um repertório de significações que qualificavam e ordenavam grupos, espaços e práticas. A presença desse tipo de inscrição dialoga com as representações de determinado

³ No Rio de Janeiro, um dos pioneiros foi o programa “Hora do Lar”, comandado por Aspázia, na PRC-8, Rádio Guanabara. Compreendia ensinamentos domésticos, aulas de teoria musical e conselhos de beleza. Recebia, em média, 250 cartas por mês. Conforme matéria na Revista Carioca, a locutora pretendia ficar incógnita. “Resolvi ser speaker depois que me convenci que trabalhando paciente conseguiria ampliar as finalidades do meu programa interessando satisfatoriamente aos ouvintes”. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Programas%20dedicados%20as%20mulheres%20e%20as%20criancas%20marcam%20os%20primeiros%20vinte%20anos%20do.pdf>. Acesso em 10 mai. 2017.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



grupo social, em determinado tempo. O manuscrito indica que o receptor do presente já tinha outros títulos dedicados ao assunto do livro, portanto, esse tipo de leitura caracterizava seu arquivo pessoal e também o seu interesse de leitor. A prática de presentear com livros permite um recorte quanto a relação estabelecida com a leitura, bem como, quanto ao poder aquisitivo, haja vista, os livros serem considerados como bens de consumo secundários para grupos menos favorecidos financeiramente. A data mostra uma sintonia com “o novo”, uma vez que o presente foi ofertado no ano de sua publicação.

A dedicatória contida no livro *Snobérrimo*, trouxe a seguinte inscrição: “Ao Carlos Alberto, o popular Juscelini, figura querida e ‘snob’ em [ilegível] do Walter no Natal de 1966”. O título do livro sugere conteúdos direcionados aos homens e a dedicatória reafirma esse indício. Diferentemente da dedicatória anterior, não há indícios de que esse leitor tivesse uma preferência pelo assunto, entretanto, o doador do presente identifica o título do livro com o receptor, comunicando que o neologismo utilizado para dar nome à obra, de alguma forma, se aproxima das características do receptor do presente, justificando assim, a escolha do título para confraternizar. A amizade entre o doador e o receptor é evidenciada pela menção a um apelido e pela associação ao termo que dá nome ao livro. A proximidade entre data de lançamento e oferta do presente está caracterizando, mais uma vez, um grupo social com condições de consumir livros, especialmente publicações recentes para presente.

O manuscrito encontrado no livro *Só para homens* indicava apenas que pertenceu a uma pessoa de nome “Dorothy Lembo. Santos, julho, 1968”. Ainda que sucinta, essa anotação mostra a imponderabilidade dos arquivamentos quando se pensa a partir dos proprietários. Considerando que o nome próprio apresenta maiores possibilidades de ser de uma mulher, um título que se direciona para leitores homens pode ter figurado em arquivos femininos. Pensando o ato de escrever uma dedicatória como prática presente no período das três publicações, a ausência de uma nesse livro pode estar vinculada ao fato de que foi adquirido por uma leitora que desejava fazer sua leitura, ainda que o título sugerisse uma delimitação. A datação em um livro adquirido sinaliza para o desejo de situar esse objeto no tempo em meio a outros. Em uma estante cheia e diversa, a informação do período de compra remete às experiências daquele momento e, quem sabe até, às motivações daquela aquisição.

As marcas deixadas nos impressos indicam as intenções e as presenças de leitores, ainda que, não possibilitem afirmações, contribuem para sinalizar os percursos dessas leituras.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021 PRESENTE** UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A partir de inscrições tão econômicas é possível vislumbrar vestígios de práticas individuais e coletivas do período, os grupos sociais que essas pessoas circulavam, os hábitos que nutriam, e até mesmo, suas concepções de mundo. Ao proceder um estudo acerca de um determinado período, há possibilidades de incorrer na armadilha das generalizações, entretanto, há de se considerar que enquanto uns participam ativamente de questões bélicas ou revolucionárias, outros se deleitam em leituras de fruição, e isso nada mais é do que as vivências cada uma em sua temporalidade. No caso das três publicações presentes nesse estudo, os manuscritos permitem construir um diálogo entre os arquivos em que estiveram presentes, as memórias que produziram e das quais foram produzidos e as vivências testemunhadas como propulsoras de arquivamento nos mais diversos espaços em que circularam.

Essa alternância de lentes sobre os arquivos – a partir de suas peculiaridades para o todo – integra os significados de objetos, espaços e tempos, de maneira que a inscrição da memória se aloca no cerne da constituição dos arquivos, e estes compreendidos como uma memória-arquivada (RICOEUR, 2007, p. 155). Assim como os objetos contem aspectos memorialísticos, em alguns casos, são até produzidos para portarem memórias, o seu arquivamento significa a existência de um arquivo e possibilita dialogar com as representações vigentes, com as temporalidades atuantes, com as construções de passados e futuros, todo o ambiente que suporta a salvaguarda de alguns objetos e o esquecimento sobre outros. Realizar a hermenêutica de um arquivo significa empreender sobre a memória que o produziu, bem como, sobre a que ele produzirá a partir de nova abordagem. Sem respostas prontas, a comunicação de uma narrativa vai se apresentando a cada ajuste de foco sobre as mínimas marcas humanas ali presentes.

No âmbito da memória-arquivada, os conteúdos arquivísticos podem ser compreendidos como fase declarativa e narrativa dos acontecimentos. As formas que alguns objetos habitaram algum arquivo contribuem na produção do conhecimento histórico no sentido de que documentam eventos e trazem à tona indícios de como foi intencionada a salvaguarda de um presente para a posteridade. O olhar sensível e a escuta atenta permitem estabelecer diálogo com as fontes sem avançar sobre as suas declarações. A possibilidade de entendimento não pode ser delimitada pela ânsia da descoberta, mas, ao contrário disso, o entendimento vai emergir durante o processo, leve este o tempo que levar.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE** UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Os arquivos, segundo Maria Teresa Santos Cunha (2019), “são redutos de sensibilidades que no campo historiográfico do Tempo Presente criam possibilidades de buscas traços descontínuos e vestígios sobre passados que imprimem inteligibilidade àqueles tempos”. A sua análise, portanto, pode ir além de forma e conteúdo, atentando para pormenores negligenciados com potencial de iluminar memórias e testemunhos ali presentes. Ainda que a afetividade seja considerada uma baliza determinante na ação arquivar dimensões da existência de um indivíduo, atendê-la de forma efetiva se torna impossível diante dos dilemas espaciais. Não se pode guardar tudo. O desejo de controle sobre a narrativa da própria vida precisa ser adequado às limitações impostas por dinâmicas sociais minimalistas e projetos arquitetônicos econômicos. E é por isso que quaisquer vestígios tem muita importância na construção de entendimento sobre tais passados.

Os livros, objetos atravessados por representações e sensibilidades, têm o potencial de “contar” histórias sobre seus proprietários e sobre as práticas do tempo e o espaço em que existiram e circularam. Para além da formação acadêmica, leitoras e leitores estabelecem seus vínculos e preferências, e a relação com o objeto – o livro – se torna algo tanto afetivo, quanto autobiográfico. Quem faz questão de arquivar/guardar os próprios livros, desenvolve subjetividades que ultrapassam a simples decifração de mensagens e alcança práticas que são constitutivas do próprio ser. Dessa forma, pensar arquivos a partir de seus objetos abre flancos para outras percepções e relações possíveis acerca desse tipo de análise, bem como, potencializa o seu uso para além de formas e conteúdos.

A percepção da memória, do testemunho e da declaração narrativa sobre estas é possível nos mais diversos tipos de arquivos. Entretanto, quando a abordagem se constrói a partir de objetos que estiveram temporariamente em diferentes arquivos, essa declaração narrativa assume significados múltiplos, ao sabor do tempo em que foi constituída. Em cada temporalidade, os três livros de Marcelino de Carvalho e os manuscritos contidos neles assumiram dimensões memoriais e testemunhais diferentes. Se transformaram também, os motivos, as formas e os objetivos pelos quais foram preservados do tempo. É preciso especificar que nesse momento, análise ficou restrita aos possíveis primeiros arquivos nos quais foram alocados esses livros, tomando como ponto de foco as inscrições produzidas, provavelmente, no período de aquisição desses materiais. Outras lentes podem ser ajustadas para empreender sobre outras problemáticas que, talvez, se referenciem em outros arquivos.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021 PRESENTE** UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Não foi possível quantificar as estantes em que habitaram os três livros até chegarem até a desta pesquisadora, no entanto, foi possível entrever o caráter testemunhal e memorialístico presentes nestes objetos e a sua interlocução com os arquivos que os hospedaram.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Os diversos usos e destinos, evidenciados a partir da materialidade, sugerem diferentes formas de (des) arquivamento de documentos, conferindo transitoriedade ao caráter pessoal desse tipo de objeto. As diversas condições assumidas pelo objeto em seu percurso permitem ampliar o olhar sobre a dinâmica de constituição de arquivos pessoais no tempo presente e uma reflexão sobre o lugar ocupado pelos objetos – nesse caso, livros – nessa constituição. As peculiaridades de cada objeto se apresentam como narrativas memorialísticas que se inscrevem na composição de cada arquivo, destacando a potência de pesquisa que pode ser suscitada por esse tipo de fonte.

A problematização realizada a partir de minúcias como manuscritos em livros ilumina dimensões arquivísticas como o testemunho e a memória. A desnaturalização da constituição do arquivo evidencia a inscrição da memória como elemento constitutivo da noção de arquivos, afinal todo o processo é desencadeado pelo desejo de um registro, seja ele consciente ou não, individual ou coletivo, institucional ou pessoal. Uma vez feito, o registro se torna vetor de inúmeras possibilidades de entendimentos sobre um indivíduo, um evento ou uma materialidade. As minúcias que repousam negligenciadas em muitas estantes podem contribuir para produção de conhecimentos históricos que não apenas margeiam eventos considerados maiores, mas, também, protagonizam testemunhos sobre tempos inacessíveis por meio de outras fontes.

Da mesma forma que a memória se inscreve no cerne da constituição dos arquivos, ocorre a vinculação de materialidades e conteúdos de arquivos ao processo de constituição de memórias. Se no presente habita a intenção de guardar para não esquecer, quando este se tornar passado, essa mesma intenção pode se vislumbrada na constituição, ou mesmo, na dispersão de um arquivo. A intenção de escapar ao esquecimento pode ser instrumentalizada de diversas formas – preservando um livro na estante, escrevendo nele para marcar um



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO 2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



evento, doando/vendendo ele a um sebo – e, quando tal intenção alcança êxito, configurou-se em portadora de memórias de diversos tempos e espaços.

Os manuscritos encontrados nos livros que subsidiaram este estudo corroboram a admissão de todo e qualquer vestígio como testemunho de passados e subsidiário de produção de inteligibilidade sobre os mesmos. A partir da análise dessas fontes foi possível pensar diferentes pressupostos para análise de arquivos, assim como, critérios de seleção, formas de personificação, indícios de uso e práticas de arquivamento. O uso de materialidade e conteúdos como aportes de um olhar sobre sensibilidades e temporalidades específicas contribui na construção de novas perspectivas sobre arquivos, especialmente, os pessoais, que tanto tem a contar e pouco é possível acessar.

A percepção sobre as muitas formas de aproximar-se de um arquivo possibilita o entendimento desse tipo de estudo como uma epistemologia possível para a História, uma vez que, as fontes são a matéria prima do conhecimento histórico e, sem elas não há narrativas possíveis. Dessa forma, a compreensão das dinâmicas de arquivamento, das práticas sociais que atravessam tais dinâmicas e das sensibilidades que atuam nessa organização e dispersão são fundamentais na produção de olhares múltiplos que potencializem a abordagem acerca de passados, suas presenças e suas discontinuidades. Além dos vestígios evidentes existem possibilidades que podem contribuir, ainda mais, no entendimento do presente vivido e de passados que habitam arquivos e são, vez por outra, recrutados por diversos motivos e, principalmente, para burlar o caminho que leva ao esquecimento. Esse foi só mais um olhar sobre arquivos e suas memórias.

REFERÊNCIAS

ANHEIM, Étienne. Arquivos singulares – o estatuto dos arquivos na epistemologia histórica. Uma discussão sobre *A memória, a história, o esquecimento*, de Paul Ricoeur. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). **Pensar os arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 121-154.

CARVALHO, Marcelino de. **Guia de Boas Maneiras**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1961.

_____. **Snobérrimo**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1966.

_____. **Só para homens**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des) Arquivar - Arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente.** São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editorias.** Tradução: Álaro Faleiros. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

RICOEUR, Paul. **História, memória, esquecimento.** Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.